

O IMPERIALISMO E A SEGUNDA BESTA: Uma leitura de Ap 13,11-18

* Teólogo e teóloga da diocese de Santos.

** Professor de Sagrada Escritura do ITESP.

José Carlos Bodon Gomes*
Sonia Maria Ladeira Gomes*
Daniel Godoy**

Resumo:

José Carlos Gomes, Sônia Gomes e Daniel Godoy buscam na análise de uma perícopre da literatura apocalíptica neotestamentária, Ap 13,11-18, um instrumento de análise de situação de opressão. Depois de uma tradução e contextualização do texto no âmbito do livro do Apocalipse, organizam o mesmo em blocos temáticos e fazem uma análise semântica dos termos centrais: besta, fera, dragão, número, cordeiro etc. A relação do texto com o momento histórico da vida dos cristãos vem pontuada diversas vezes. Por fim, eles fazem uma aplicação prática para a análise do sistema econômico contemporâneo e as conseqüências pastorais e críticas. Assim como para os primeiros cristãos, o império romano e suas exigências ideológicas foram um desafio para a sua vida de fé que não raro levaram à perseguição sangrenta, assim, para os autores, a martíria é a marca do cristão na atualidade.

Palavras-chave: Apocalipse: segunda besta; Apocalipse: análise semântica; Apocalipse: perseguição

Abstract:

José Carlos Gomes, Sonia Gomes and Daniel Godoy use a New Testament pericope of the apocalyptic literature – Rev 13,11-18 – as a tool in order to examine critically an oppressive political situation. After a translation from the original language and a location in the realm of the whole Revelation book, they

dispose the pericope in blocks and in order to deal more deeply with some central images: beast, dragon, number, lamb and so on. Relationships between Christian life in Roman culture and political society are brought up for discussion. In order to be practical, authors using these concepts try to analyze today's economic system and draw some pastoral and critical outcomes. As for the first Christians the Roman empire and its ideological demands was a challenge for their faith and life and sometimes end in a bloody persecution, so today a kind of martiria would be the main trait of a Christian.

Key-words: Apocalypse: second beast; Revelation: semantic analysis; Revelation: Christian persecution.

INTRODUÇÃO

Em todos os tempos a humanidade se defronta com o poder da *besta* à qual o *dragão* empresta sua força de destruição: são os impérios que dominam e matam as pessoas, exigindo das vítimas a mais execrável submissão.

Com a intenção de melhor compreender e tentar desvendar algumas das facetas do atual imperialismo, bem como de seus tentáculos de sedução e exclusão, desenvolvemos o estudo exegético da perícopa Ap 13,11-18. Esse texto bíblico reflete sobre a situação dos cristãos sob o imperador Domiciano, a *segunda besta* que repete na história a crueldade de Nero, seu antecessor.

Seguindo os passos metodológicos do estudo bíblico, situaremos o texto no contexto em que foi produzido para, em seguida, demonstrar a atualidade de seu ensinamento diante das conseqüências do sistema sócio-econômico neoliberal e o neo-imperialismo global em que hoje vivemos.

Comparando a sedução empreendida pelo império atual com a propaganda imperial de Domiciano veremos que a única saída possível é aquela que nos coloca ao lado da vítima, do pobre, do excluído de um sistema social que nada tem de humano.

O cristão, desde os primórdios, não se submete à reverência dos ídolos. Para ele só há um Deus, que enviou seu Filho para libertar os cativos e anunciar um Reino de Justiça, Amor e Paz. Por isso, é preciso resistir a deixar-se *marcar* na mão direita com o número mais que imperfeito da besta e ostentar corajosamente na frente o selo do Cordeiro!

1. TRADUÇÃO DO TEXTO ORIGINAL

V. 11 – E vi outra besta subindo de dentro da terra; tinha dois chifres semelhantes a cordeiro e falava como dragão.

V. 12 – E exerce toda a autoridade da primeira besta diante dela. Faz a Terra e os seus habitantes adorarem a primeira besta, que fora curada de sua ferida mortal.

V. 13 – E realiza grandes sinais para que faça o fogo do céu descer à terra diante dos homens.

V. 14 – E engana os habitantes da terra por meio de sinais, os quais lhe fora permitido realizar diante da besta, ditando aos habitantes da terra fazerem imagem para a besta, a qual tem a ferida da espada e sobreviveu.

V. 15 – E foi-lhe concedido dar espírito à imagem da besta para que a imagem da besta falasse e fizesse com que todos aqueles que não adorassem à imagem da besta fossem mortos.

V. 16 – E faz com que todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, recebam uma marca sobre a sua mão direita ou sobre a sua frente.

V. 17 – E para que ninguém possa comprar ou vender se não tiver a marca, o nome da besta ou o número do nome dela.

V. 18 – Aqui a sabedoria existe. O inteligente interprete o número da besta: é número de homem, e o número dele é seiscentos e sessenta e seis.

2. DELIMITAÇÃO

Adotamos a seguinte estrutura para o Livro do Apocalipse:

1,1–3,22 → introdução

4–11 → referente ao período sob a dominação de Nero

12 → *texto dobradiça*

13–22 → referente ao período sob a dominação de Domiciano

22,6–21 → epílogo

Entendemos por *texto dobradiça* aquele que é capaz de se comunicar entre dois espaços diferentes. No nosso caso, o capítulo 12 relaciona a mulher grávida, que corresponde ao grupo de Nero, com o dragão, que corresponde ao grupo de Domiciano. Dessa forma, este capítulo é um elemento de junção entre essas duas peças literárias.

A perícopes em estudo – Ap 13,11-18 – está situada entre Ap 13,1-10 e Ap 14, sendo que o capítulo 13 não é seqüência do capítulo 11. O tema do capítulo 13 refere-se às *duas bestas*, onde a primeira sobe do mar (13,1-10) e a segunda, que está a serviço da primeira, sobe da terra (13,11-18).¹ O lugar do dragão é o mar, local de onde provém o mal, pois na mitologia, o mar representa o caos. Em Dn 7 também encontramos referência a quatro bestas que saem do mar. Provavelmente o autor tenha se inspirado

¹ Na mitologia judaica, Leviatã era o monstro do mar (Is 27,1; Sl 74,13s; Jó 40,25) e Behemot era o monstro da terra (Jó 40,15ss; 1Henoc 60,7s; 4Esdras 6,49ss). Cf. E. ARENS – MATEOS, M. D., *O Apocalipse: a força da esperança – estudo, leitura e comentário*. São Paulo, Loyola, 2004, p. 222, nota.

em Daniel, cuja visão retrata um julgamento de quatro impérios, inimigos de Deus e do homem, porque espalham brutalidade e violência na história.² O capítulo 14 quer devolver esperança às comunidades perseguidas, àqueles que não receberam a marca da besta.

² Idem, p. 219.

Por trás da imagem da *besta* está uma realidade histórica: o império romano. Contudo, a descrição da besta e de seus atributos, não faz referência ao império romano enquanto instituição política, mas sim como Estado totalitário, cuja cabeça, o imperador, constituiu-se deus e exigia ser adorado.³

³ Idem, p. 220.

Na primeira parte do capítulo 13 o autor apresenta imagens que revelam como havia absoluta concentração de poder no império, chegando ao ponto do endeusamento do imperador, que exigia que todos os habitantes da terra lhe adorassem (v. 8a). Mas o autor também acrescenta que esses habitantes são aqueles cujos nomes não estão escritos *desde a fundação do mundo no livro da vida do Cordeiro imolado* (v. 8b), acentuando a contraposição.

Na segunda parte do capítulo 13, onde se insere a perícope em estudo, o autor descreve como a besta que sobe da terra age a serviço da primeira besta que emerge do mar. Na apresentação da besta que sobe da terra o autor já dá algumas características para que seus leitores a possam reconhecer: *tinha dois chifres semelhantes a cordeiro e falava como dragão* (v.11). Esta introdução deixa claro qual é o seu modo de agir: primeiramente seduz e faz o povo prostrar-se em adoração à imagem da besta, que foi ferida de morte e curada e, a seguir, apresenta a punição aos que se recusarem a prestar-lhe tal reverência.

Ao final, o autor termina a identificação da besta, atribuindo-lhe um número: *666, um número de homem* (v. 18). A besta é o oposto do Cordeiro.

O capítulo 14 inicia com a cena do *monte Sião* em que aparecem os que resistiram e se mantiveram fiéis: o Cordeiro e seus seguidores. O monte Sião, na tradição profética e apocalíptica, é a cidade de Deus, o lugar onde Ele reunirá os salvos e de onde julgará as nações para iniciar aí Seu Reino. Esta é a forma profética de ver a presença cristã no seio do império romano. Os de Cristo, aqueles que não receberam a marca da besta, levam escrito na frente o nome do Cordeiro e o nome de seu Pai (14,1). Os 144.000 marcados constituem o novo Israel.

3. ESTRUTURA DA PERÍCOPE

Apresentamos, a seguir, uma proposta de subdivisão interna para a perícope:

- A – 13,11 – a apresentação da besta.
- B – 13,12–14 – a demonstração de poder e sedução da besta.
- C – 13,15–17 – o controle e a punição aos que resistirem à adoração.
- D – 13,18 – a identificação da besta.

Para melhor compreensão do texto, faz-se necessário tecer alguns comentários sobre os termos que, para nós hoje podem ter a compreensão prejudicada, uma vez que a linguagem apocalíptica é codificada. Sabemos, contudo, que a comunidade destinatária conhecia e interpretava esses códigos.

A primeira besta, cuja ferida mortal tinha sido curada (13,12) refere-se a *Nero divinizado*. O texto parece referir-se a uma lenda bastante difundida no século I, sobretudo na Ásia Menor, que falava de *Nero redux* (retornado). Após a morte de Nero, circulou a lenda de que ele não morreria, que estava *como que ferido de morte*, e que fugira para Partia, onde se tornou muito querido, mas voltaria a reclamar seu trono. Uma lenda parecida nos círculos apocalípticos afirmava que Nero havia morrido, mas que retornaria do mundo dos mortos para reassumir seu trono. Esse imperador, primeiro perseguidor de cristãos, e que os declarou inimigos do Estado, encarna a hostilidade do império. Por isso, tudo parece indicar que o autor pensava no domínio da besta (império) sob o reinado daquela cabeça *como que ferida de morte*, mas curada, o *Nero redivivus*, provável referência a Domiciano (81-96 d.C.). Essa identificação ocorre veladamente tanto em 13,18 como em 17,9s.

Os estudiosos afirmam que a besta não pode ser Nero, pelo menos em seu reinado (54-68 d.C.), porque se refere a ele como alguém *que esteve ferido de morte, mas ficou são*, ou seja, trata-se de alguém *posterior* à revolta que lhe custou à vida, a partir da qual se formou a lenda de sua fuga. Em 13,3 o autor descreve claramente que *quem está 'como que ferido de morte' é uma das cabeças da besta, ou seja, um imperador, mas quem se recupera na realidade é a própria besta, o império. [...] Era o imperador quem representava o poder do império: é sua cabeça visível.*⁴

A segunda besta refere-se provavelmente a Domiciano, que se iguala a Nero em crueldade e perseguição aos cristãos no tempo em que o Apocalipse foi escrito. Domiciano é a besta que vem da terra e está a serviço da primeira. Esta segunda besta será designada como Falso Profeta (Ap 16,13; 19,20; 20,10). *Por que esse nome? Porque João via na atuação dessa besta uma atuação 'religiosa' claramente contrária à atuação dos profetas e mártires cristãos; trata-se de um sistema mais do que de uma pessoa. Por isso não há interesse no que esta besta é, mas no que ela faz. [...] Se a primeira besta representa o poder político e*

⁴ Idem, p. 221.

*econômico do império, a segunda representa o poder religioso e ideológico.*⁵

⁵ idem, p. 222.

O tema central da perícopes é a propaganda em favor do culto ao imperador. Para os cristãos, porém, qualquer divinização de pessoas ou coisa resulta blasfêmia contra o Deus vivo e verdadeiro. Assim, apesar dos *grandes sinais* (13,13) realizados, os cristãos resistem a *fazer imagem para a besta* (13,14). O império então envia seus agentes que *freqüentemente se escondiam dentro das estátuas dos imperadores, e daí denunciavam os que não aderiam ao culto imperial.*⁶ Com esse dado é possível compreender o v. 15: *E foi-lhe concedido dar espírito à imagem da besta para que a imagem da besta falasse e fizesse com que todos aqueles que não adorassem à imagem da besta fossem mortos*

⁶ Cf. J. BORTOLINI, *O Apocalipse: Resistir e denunciar*. São Paulo, Paulus, 1994, p. 116.

O controle imperial não se restringia apenas à adoração do Imperador, mas se estendia a toda a população (13,16) que precisava trazer o selo do Imperador na mão direita ou na frente para poder comprar ou vender (13,17), isto é, sobreviver.

O autor chama atenção para o serviço que o falso profeta oferecia ao império: convencer a humanidade a fazer uma *imagem* da primeira besta e uma *marca* para distinguir os seguidores da besta. Inspirado em Dn 3,1-18, fazer uma estátua demonstra a pretensão humana de se colocar no lugar de Deus, própria de impérios absolutistas e endeusados. A narrativa continua: como o Cordeiro marca os seus, protegendo-os (7,3; 9,4; 14,1), do mesmo modo a besta marca também a todos os seus, *os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos* (v. 16), fazendo uma antítese clara com os que trazem escrito sobre a frente o nome do Cordeiro e o nome do seu Pai (14, 1).⁷

⁷ Cf. E. ARENS – MATEOS, M. D., *O Apocalipse*, op. cit., p. 223.

A perícopes termina com uma indicação codificada em número sobre a identidade da besta. *No mundo semita e grego as letras do alfabeto substituíam os números. Atribuindo um valor numérico às letras era possível descobrir o 'número de homem', no caso, o número da besta. Somando o valor das letras que compõem a expressão 'César Nero', chega-se ao número seiscentos e sessenta e seis. Portanto, para o autor do Apocalipse a besta é Nero e, em certa medida é também Domiciano, que se iguala a Nero em crueldade.*⁸ Por outro lado, alguns estudiosos *pensam que 666 significaria a imperfeição radical, uma vez que sete é o símbolo da perfeição. O número da besta é imperfeito, decididamente humano e não divino.*⁹

⁸ Cf. J. BORTOLINI, *O Apocalipse*, op. cit., p. 117.

⁹ Cf.: *Bíblia: Tradução ecumênica*. São Paulo, Paulinas/Loyola, 1996, p. 1527, nota.

4. LEITURA COMPARADA

Em busca de uma melhor compreensão de Ap 13,11-18, fizemos uma comparação a partir das traduções das *Bíblia de Je-*

rusalém (BJ), *Bíblia do Peregrino* (BP) e a tradução de F. Almeida (BFA).

V. 11 – Neste verso, apenas a BFA traz a expressão *parecendo cordeiro*, ao passo que as demais trazem *como cordeiro*. Esta última expressão sugere que a fera com dois chifres é igual a um cordeiro, ao passo que o texto original relata que a fera é *omoia*, isto é, semelhante e, portanto, parece-se com o cordeiro.

V. 12 – A BP diz aqui que a fera *obrigava todos os habitantes da Terra*, enquanto as demais traduções relatam que a fera *faz com que a terra e seus habitantes*. O autor bíblico utiliza o verbo *poieō* (fazer), que *é um termo básico para qualquer atividade*,¹⁰ ao passo que *obrigar* dá mais a conotação de uma norma ou costume legal que deve ser cumprido sob pena de punição.

V. 13 – De forma semelhante ao verso anterior, o verbo *poieō* (fazer) é traduzido de formas diferentes: na BP temos *realiza*, que é uma forma de se fazer; na BJ e na BFA a expressão usada é *opera*, que tem a conotação de um fazer mais elaborado.

V. 14 – Temos aqui uma variação bastante significativa para a tradução do verbo *legō* (dizer): na BJ é traduzido por *incitar*; na BP se traduz por *mandar*; e na BFA por *dizer*. Acreditamos que estamos diante de um caso típico de interpretação, uma vez que nos dicionários consultados não encontramos qualquer referência do verbo *legō* com as expressões *incitar* ou *mandar*. Ainda neste verso, a BJ acrescenta *uma imagem* em honra *da Besta*, expressão que não encontramos no texto original, embora seja passível dessa interpretação, uma vez que o substantivo *thērion* está grafado no dativo (para a besta).

V. 15 – Neste verso o verbo *didōmi* é traduzido: na BJ e na BP por *infundir* e na BFA por *comunicar*. Esse verbo tem a conotação de dar, garantir, conceder, o que não quer significar, necessariamente, uma infusão ou uma comunicação. É interessante, também, que a BP traduziu *pneuma* por *alento* e a BFA por *fôlego*. Ambas as expressões podem ser sinônimos para retratar o sopro de vida e traduzir tanto o hebraico *ruah* como o grego *pneuma*.

V. 16 – A BFA acrescenta *dada certa marca*. O texto original não especifica ou particulariza a marca.

V. 17 – Não foram encontradas diferenças entre as traduções estudadas.

V. 18 – Encontramos aqui o substantivo *sophia* que, tanto no AT como no NT, tem uma conotação que transcende a capacidade e o conhecimento comuns e vai de encontro ao modo de um homem abordar a vida, ao comportamento sagaz que capacita o homem a vencer na vida. Dentro deste enfoque, a BJ traduziu o termo por *discernimento* e a BFA por *sabedoria*, ao passo que a BP traduziu por *talento*, que reflete mais uma capacidade

¹⁰ Cf. L. COENEN – BROWN, C., *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo, Vida Nova, 2000, p. 2542.

de intelectual. Neste verso nós também encontramos o substantivo *anthrōpos*, que a BP traduz por *pessoa* e as BJ e BFA traduzem por *homem*. Essa diferença não nos pareceu significativa, uma vez que o termo *anthrōpos* quer designar tanto o ser humano de uma forma genérica como o homem como varão.

5. ANÁLISE DOS BLOCOS INTERNOS

O gênero apocalíptico tem um *Sitz im Lebem* essencialmente político e o capítulo 13 do livro do Apocalipse expressa isso claramente: a política transformada em culto. *A religião imperial era um mecanismo de deificação do Estado, de suas instituições e seus poderes [...], representados no Apocalipse pelas imagens da besta e da prostituta. Por isso o culto era expressão de lealdade à 'besta' divinizada, de submissão ao absolutismo romano.*¹¹ Tendo presente esse contexto, analisamos os blocos internos que compõem a perícope.

¹¹ Cf. E. ARENS – MATEOS, M. D., *O Apocalipse*, op. cit. p. 323.

A – 13,11: a apresentação da besta.

O autor vê a segunda besta subir da terra, diferente da primeira que emerge do mar. Se a primeira besta é descrita com *dez chifres e sete cabeças* (13,1) a segunda conta com apenas *dois chifres*. Contudo isso não representa diminuição de poder, pois logo em seguida o autor afirma que ela *exerce toda a autoridade da primeira besta* (v.12). Parece que a intenção está muito mais em acentuar a falsidade da ação da segunda besta, do que colocá-la em situação de inferioridade. Quando ele afirma que os dois chifres tornam-na semelhante a um cordeiro, faz pensar que se trata de um animal manso, um *arnion*, e que não representa *ameaça* aos habitantes da terra. Porém, ao acrescentar que *falava como dragão* evidencia-se a contraposição entre a verdade e a mansidão de Cristo, o Cordeiro, aquele que abre os selos e que deve ser adorado, e a falsidade e violência da besta que falava como um *drakon*, um animal que seduz e mata com a força do olhar.

B – 13,12-14: a demonstração de poder e sedução da besta.

Esta segunda besta exerce toda a autoridade da primeira diante dela. Ela faz com que a terra e seus habitantes, isto é, toda a criação adore a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada. A segunda besta age diante da primeira como sua representante. Sua função é a de um *falso profeta*, conforme descrito em Dt 13. Como ela faz isso?

Aqui surge, em primeiro lugar, a questão do verbo *poieō*, tão freqüente nesta perícope. Na primeira carta de são João há uma insistência em ações corretas, isto é, a prática da justiça fundamentada no Senhor. No entanto, a segunda besta dirige a adoração à primeira besta e o faz, provavelmente, através da propaganda em favor do culto ao imperador, que assume a posição de *deus*. Esta propaganda é sedutora, pois tem poder de realizar *grandes sinais* e com isso, *engana os habitantes da Terra* e os obriga a *fazerem imagem para a besta, a qual tem a ferida da espada e sobreviveu*.

O autor quer alertar seus leitores para a falta de credibilidade dos *falsos profetas* que realizam prodígios – remetendo de novo à Dt 13,2–3 – e contrapondo com os verdadeiros enviados de Deus, que podem fazer descer fogo dos céus, como Elias (cf. 1Rs 18,24ss; 2Rs 1,10–12). Passa também uma mensagem clara, lembrando o povo quanto à origem do culto aos ídolos (cf. Sb 13,12–21) e a conseqüência terrível para o povo de Israel (cf. Dn 3).

Além disso, nestes versículos também encontramos a presença da denúncia do autor bíblico contra a propaganda idolátrica feita pelo Império, que visa antes de tudo, a submissão do povo à opressão e espoliação impostas por Roma.

C – 13,15-17: o controle e a punição aos que resistirem à adoração.

Desmantelando a sedução da propaganda, o autor prossegue denunciando como se operacionaliza a dominação imperial: *foi-lhe concedido dar espírito à imagem da besta para que a imagem da besta falasse e fizesse com que todos aqueles que não adorassem à imagem da besta fossem mortos*. Nessa situação, entendemos quanto os cristãos viveram a tensão entre a fidelidade ao Cordeiro e a perseguição daí resultante, e a submissão à vontade imperial. Essa dominação, mais que econômica ou política, estava repleta de ideologia e se tornava destruidora de tudo o que o ser humano acalentava como esperança, na medida em que circunscrevia a vida humana à adoração de um sistema que destruía a própria vida das pessoas. Para além da morte física, os cristãos corriam o risco de ver morrer a esperança de salvação, e parece ser este o alvo intencional que o autor quer defender e preservar, lembrando-lhes, em linguagem cifrada, que as estátuas não têm espírito e são mudas, e que a glória só deve ser dada a Deus (cf. Sl 115).

Ele prossegue descrevendo o fechamento do cerco imperial à liberdade de vida: *todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos* devem receber uma marca sobre a sua mão direita ou sobre a sua frente, para poder comprar ou vender. Isto significa que ninguém poderá comercializar, isto é

viver, se não trazer no corpo a marca, o nome da besta ou o número do nome dela.

Aqui o autor faz uma contraposição e, dentro desta, lança mão de um jogo de palavras. Contrapondo à marca da besta temos a marca (ou selo) de Javé (Ez 9,4; Is 44,5) e a marca do Deus vivo (Ap 7,2-4). Para a marca da besta o autor utiliza a expressão *charagma*, que costumava designar o selo imperial;¹² para o selo de Deus a expressão utilizada é *sphragis / sphragizō* (selo/selar) que, se por um lado tinha o significado de resguardar os bens marcados (posses, animais, escravos) contra o furto, por outro lado assegurava proteção ou garantia àquilo/aquele que fora marcado.¹³

¹² Cf. L. COENEN – BROWN, C., *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, op. cit., p. 1263.

¹³ Idem, p. 2292.

Resistir num ambiente social como o do Império Romano, nos tempos de Domiciano, não deve ter sido fácil. Manter viva a esperança, o ânimo e a fé das comunidades deve ter sido tarefa das mais complexas. Por outro lado, o testemunho dos mártires (isto é, daqueles que tinham a marca do Deus vivo) era o incentivo principal a não ceder às pressões externas. Seguir o Cordeiro tornou-se então o grande contraponto e também a grande esperança de libertação da opressão promovida pelo sistema do Império Romano.

D – 13,18: a identificação da besta.

Por fim, o autor conclui identificando a besta com um número: 666. Ele avisa que é preciso sabedoria, pois usará linguagem codificada, porém o inteligente saberá que se trata de um homem cujo nome está cifrado em gematria funcional. E esse nome pode significar *César Nero*.

Diversas tentativas foram feitas no sentido de interpretar o número 666. Uma delas é o texto consonantal hebraico para César Nero: *q s r n r w n* (100+60+200+50+200+6+50 = 666). Esta hipótese tem alguma plausibilidade pois, combinada com 17,11 (a besta que era e não é), pode ser uma referência à lenda de *Nero redivivus*. Considerando que esta lenda também era conhecida na literatura judaica apocalíptica, poderia servir de apoio a esta solução. Entretanto, qualquer que seja a hipótese levantada, ainda não se pode dar qualquer interpretação definitiva de Ap 13,17-18.¹⁴

¹⁴ Idem, p. 1410.

6. ANÁLISE SEMÂNTICA

Charagma: marca, selo, estampa, objeto gravador.

O verbo *charassō* significa *cortar até formar ponta, aguçar*. Posteriormente, adquiriu o sentido técnico de *gravar em madei-*

ra, pedra e latão. Num significado especializado, descreve a *fundição da matriz* e daí o *cunhar* das moedas.

O substantivo *charagma* significa uma *marca*, um *sinal*, feito por gravação com jato de água ou com ferrete. A posse de bens é garantida pelo sinal do ferrete (*charagma*); os documentos são autenticados através da imposição de um carimbo ou selo (*charagma*), mesmo sinal que comprova a autenticidade dos documentos imperiais. As moedas levam a impressão (*charagma*) como sinal de que são genuínas.

Antigo Testamento

O substantivo *charagma* não aparece na LXX, mas o verbo *charassō* aparece, como em Eclo 50,27, com o significado de *fazer inscrição*, que traduz o verbo *hāḡaq*. Em 3Mac 2,29 *charagma* se emprega para as marcações dos judeus com símbolos rituais pagãos.

Novo Testamento

Em Ap 13,11-18 há uma referência ao culto imperial sob a figura da segunda besta, que exige que a primeira besta seja homenageada. A condição é tão impositiva que nenhum comércio será possível a menos que os homens ostentem a *marca* (*charagma*) da primeira besta na mão direita ou na frente. Aquela *marca* se identifica mediante o nome ou número da besta (v. 17). Contrastar Ap 7,3ss onde uma *marca* semelhante denota a proteção divina. Em At 17,19 *charagma* se emprega no sentido de *artefato*, *criação* produzida pelo artista ou artifice.¹⁵

¹⁵ Idem, pp.1263–1264.

Sêmeion: sinal, milagre.

Sêmeion é um derivado de *sēma* (sinal), palavra comum na linguagem épica grega antiga; entretanto, sua etimologia ainda não foi esclarecida de modo satisfatório. Originalmente esta palavra não advém da esfera religiosa, mas em contextos apropriados, pode tomar conotação teológica.

O significado básico de *sêmeion* é *sinal*, que pode ser percebido visualmente ou escutado, e através do qual se reconhece uma pessoa ou algo específico, tal como uma *marca* ou *prova* confirmatória e autenticadora. Ela pode mencionar o *símbolo prenunciativo* ou *presságio* que anunciava os eventos vindouros, mas não tem o caráter do milagroso. Quando um *sêmeion* adquire o caráter do maravilhoso, a palavra tem o significado de *sinal milagroso*, que pode denotar um milagre operado pela divindade, que contradiz o curso natural das coisas.

Antigo Testamento

Na LXX, *sēmeion* é, predominantemente, uma tradução da palavra hebraica *'ot* e, como ela, significa: a) sinal, marca, penhor; b) sinal milagroso, milagre. Javé concede e opera sinais, que acompanham Sua palavra e testificam a sua validade e fidedignidade (Ex 4,1ss; 12,13; Is 8,1ss; Ez 12,3ss; 21,11-12; 24,24.27).

Novo Testamento

Sēmeion aparece 77 vezes no NT, sendo 48 nos evangelhos, 13 em Atos, 9 em Paulo e 7 no Apocalipse. Este termo não aparece no restante da literatura neotestamentária. O significado é o mesmo adotado na LXX. É o conceito veterotestamentário do profeta como sinal da parte de Javé, que subjaz a idéia de Jesus ser o sinal outorgado por Deus (Lc 2,24).

Os evangelhos registram numerosos milagres e curas operados por Jesus, que se parecem com os sinais-acontecimentos salvíficos e com os gestos-símbolos dos profetas. Mas Jesus, ao contrário de Israel no deserto (Ex 17,2.7; Nr 14,22), se nega a tentar a Deus, exigindo dEle sinais para seu próprio proveito (Mt 4,7) e a satisfazer os que lhe pedem um sinal para testá-lo (Mt 16,1ss). Por isso os sinóticos evitam usar a palavra *sēmeion* empregada pelos adversários de Jesus (Mt 12,38p; Lc 23,8).¹⁶

Assim como no AT, o NT também registra sinais e maravilhas operados por falsos profetas e figuras pseudomessiânicas (Mc 13,22; Mt 24,24; Ap 13,11ss; 16,14; 19,20), que seduzirão os seres humanos para a apostasia de Deus. Espera-se que o Anticristo também opere sinais e milagres *no poder de Satanás* (2Ts 2,3ss).¹⁷

¹⁶ Cf. X. LÉON-DUFOUR, (Ed.), *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis, Vozes, 2002, 7ª. edição, p. 979.

¹⁷ Cf. L. COENEN - BROWN, C., *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, op. cit., pp. 1287-1292.

Poieō: fazer.

O verbo *poieō*, geralmente empregado no modo transitivo, tem o significado de *fazer, formar*, e é, portanto, o termo básico para qualquer atividade. Os sujeitos que pertencem ao verbo *poieō* tanto podem ser as divindades quanto os seres humanos; mais raramente são sujeitos materiais. Na literatura grega, quando se relata as ações dos deuses, a palavra assume o significado de *criar, gerar, dar forma a*.

Antigo Testamento

Na LXX a palavra *poieō* ocorre mais de 3200 vezes. O substantivo determinativo é acrescentado ao verbo: *fazer o mandamento e a lei* (Js 22,5); *fazer trabalho* (Ex 20,9-10); *fazer a paz* (Is 27,5). *Poieō* também é usado de modo absoluto (Ex 30,25).

O equivalente hebraico para *fazer e formar* é principalmente *‘āsāh*. No que diz respeito às ações criadoras de Deus, o relato da criação de Gn 1,1-2.4a emprega a palavra *bārā’*, que é reservada no AT para a obra de Javé. A LXX traduz *bārā’* em Gn e Is 41-45 por *poieō*.

Novo Testamento

O verbo *poieō* ocorre 565 vezes, basicamente nos Evangelhos, sendo que oito delas na perícopes Ap 13,11-18. O NT reafirma as declarações vetero-testamentárias de Deus como Criador (Ap 14,7; At 4,24). As atividades de Deus em trazer a salvação na história pertencem a esta categoria. Os escritores do NT falam sobre os atos históricos poderosos de Deus, desde os escritos mais antigos (1Ts 5,24) até os posteriores (Ap 21,5).

A atividade secular humana não é ressaltada no NT, abrangendo várias atividades gerais (Mc 11,3; Jo 19,12; At 9,39; Tg 4,13). Mais decisiva é a avaliação das ações humanas à vista de Deus. As ações dos seres humanos estão sujeitas à reivindicação de Jesus ao Pai (Lc 6,46). Os discursos do Evangelho segundo João falam das ações certas, fundamentadas no Senhor e possibilitadas pelo seu Espírito. Sem Cristo, o crente *nada pode fazer* (Jo 15,5; 13,15; 14,12ss). Ao empregar *poieō* (1Jo 2,29; cf 2,17; 3,7ss; 5,2), 1Jo enfatiza o imperativo da ação correta (*poiōn tēn dikaiosynēn*, praticando a justiça).¹⁸

¹⁸ Idem, pp. 2542–2545.

Thērion: animal silvestre, fera.

A palavra *thērion* é uma forma diminutiva de *thēr* (do latim *ferus*) que significa um animal selvagem; ocasionalmente pode referir a um animal guardado na pastagem e, de modo geral, um animal. Na Antigüidade (a partir de Platão) era empregado como termo de desprezo para pessoas de um certo tipo *bestial*: besta, monstro.

Antigo Testamento

Thērion é empregado como tradução do termo hebraico *hayyāh*, no sentido do *animal domesticado, que vive no campo aberto e que, na maioria dos casos, é grande e perigoso*. O *thērion* é inimigo do homem (Gn 3,14–15; 9,2.5; 37,20).

Em Dn 7, *thērion* se refere a potências mundiais, vistas como figuras sobrenaturais, semelhantes a feras. Surgem do caos, que é hostil a Deus, e representam potências políticas hostis ao ser humano, com as quais o povo judeu teve de tratar ao longo de sua história.

Novo Testamento

O NT segue o AT no emprego de *thērion*, que aparece em listas de criaturas vivas (At 11,6; Tg 3,7) e num catálogo de pragas (Ap 6,8). Em Mc 1,13, as feras enfatizam o horror e a desolação humana no deserto.

Das 45 ocorrências da palavra *thērion* no NT, 38 se acham em Apocalipse, principalmente nos capítulos 6-19. A besta e o falso profeta representam potências que se opõem a Deus e que se juntam ao dragão para formar a trindade satânica (16,13). Em Ap 11,7, a fera combina as características das quatro feras de Dn 7. A outra besta (13,11), também chamada *falso profeta* (16,13; 19,20; 20,10), realiza os planos da primeira besta através da propaganda, realizando grandes sinais (13,13), fazendo uma imagem e ferindo as pessoas com uma marca (13,16-17). Embora tenha a aparência de um cordeiro, fala como um dragão (13,11).¹⁹

¹⁹ Idem, pp. 139-140.

Arnion: cordeiro.

Temos que considerar, inicialmente, a palavra *amnos* que significa uma ovelha jovem, um cordeiro de um ano, normalmente utilizado para o sacrifício em ocasiões rituais. Fora do contexto do sacrifício ritual, o *cordeiro*, como animal para o abate, era chamado *arēn*. A forma diminutiva *arnion*, originalmente significava *cordeirinho* e, mais tarde, simplesmente *cordeiro*. J. Jeremias observa que, já no período do NT, não se utilizava esta palavra como estando na forma diminutiva.

Antigo Testamento

Amnos, que traduz o termo hebraico *kebes*, é empregado principalmente em passagens classificadas entre os escritos sacerdotais, isto é, em trechos de uma natureza ritualística e sacrificial, uma vez que o cordeiro desempenha um papel importante como animal sacrificial no culto público de Israel. Em Is 53,7 encontramos, pela primeira vez, uma pessoa que preenche a função de um animal sacrificial: é o Servo do Senhor que, como cordeiro é levado ao matadouro e permanece mudo diante de seus tosquiadores.

Novo Testamento

Jesus é descrito quatro vezes como sendo *amnos* (Jo 1,29.36; At 8,32; 1Pd 1,19). A palavra *arēn* ocorre uma vez em Lc 10,3. *Arnion* aparece em Jo 21,15 e 27 vezes em Apocalipse. Cristo é o Cordeiro, aquele que abre os selos e que deve ser adorado (5, 6.8.12-13).²⁰

²⁰ Idem, pp. 429-430.

Drakon: dragão.

A palavra *drakon* deriva de *derkomai*, que tem o significado de *olhar para* e representa o animal que enfeitiça e aleija com o olhar.

Antigo Testamento

Aqui e em muitos mitos antigos, o dragão ou serpente é a figura do poder primitivo do caos. Ao ser derrotado por um deus, tornou possível a criação do mundo, isto é, o cosmos é feito do caos. Esse conceito subjaz em algumas passagens bíblicas: Deus matava dragões nos primórdios do mundo (Jó 26,12-13; Is 51,8; Sl 74,13-14); monstros ou dragões vivem no mar (Jó 7,12; Sl 148,7; Am 9,3).

Novo Testamento

Drakon é encontrado apenas no Apocalipse, empregado como sinônimo de demônio, satanás, ou seja, é o protótipo da maldade. Isso fica explícito em 12,9 e 20,2. No capítulo 12, o dragão tem sete cabeças e dez chifres (cf. Dn 7,7-8). Tem poder no céu e sua cauda arrasta uma terça parte das estrelas. Na terra, o dragão dá seu poder e seu trono à *besta*, através de quem o dragão faz os habitantes da terra adorá-lo (13,2.4).²¹

²¹ Idem, pp. 606-607.

Arithmos: número.

Como uso geral, *arithmos* denota *aquilo que foi juntado, quantidade, total, número*, podendo significar também *censo em números*, ou seja, *contagem, ajuntamento de tropas* e, mais tarde, uma *tropa*, uma *unidade militar*. Ocasionalmente *arithmos* tem o sentido de *código*, de *escrita secreta*. No pensamento popular, religioso e filosófico do helenismo, a gematria²² atingiu grande importância. Somente os iniciados podiam decifrar o número gemátrico, visto que a soma propriamente dita é ambígua. Na gematria as palavras são intercambiáveis, porque podem ser de igual valor.

²² *Gematria* é o processo de transformar uma palavra em código ao somar o valor numérico das letras que a compõem.

Antigo Testamento

A LXX traduz vários termos hebraicos e aramaicos por *arithmos*, sendo que o mais comum deles é *mispār*, *número*, que corresponde ao significado grego.

Na literatura rabínica e judaica helenística, a gematria também é utilizada como método para a exegese e para a codifica-

ção, nem sempre com a ocorrência específica de *arithmos*, e sem que o processo gemátrico seja identificado como tal.

Novo Testamento

Arithmos é empregado como na LXX. Ocorre 18 vezes, sendo 10 delas no Apocalipse. Em Ap 13,17-18 aparece a formulação *o nome da besta, ou o número do nome dela*, um convite claro para calcular *o número da besta que é número de homem*. O número citado é o 666, que é ocorrência de *código, escrita secreta* conforme também 15,2.

Ap 13,17-18 é o único lugar onde a palavra *arithmos* assume importância exegética no NT. Trata-se claramente de uma gematria funcional, que codifica o nome da pessoa indicada. O contexto fala, figurativamente, de uma *besta (thērion)* que, na tradição eclesiástica e exegética tem sido interpretada como o Anticristo. *O número da besta*, que é dito ser *número de homem*, demonstra que, por detrás da besta e do número, há uma figura humana, conhecida dos ouvintes e leitores do texto daquele tempo. Dessa forma, pode-se excluir todas as tentativas no sentido de decifrar o número, que não relacionem a uma figura humana.

Segundo os estudiosos da gematria, os números no mundo antigo não indicam somente quantidades, mas também qualidades. Alguns números, além do seu significado quantitativo, também possuem um significado interno, quase fixo, conforme é o caso especialmente dos números *quatro* (simboliza a totalidade da terra e do universo), *sete* (é sinônimo de plenitude, totalidade, perfeição) e *doze* (é um número astronômico e denota o povo de Deus na sua totalidade), que se acham no NT com frequência cumulativa impressionante.²³

²³ Cf. L. COENEN – BROWN, C., *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, op. cit., pp. 1408–1420.

CONCLUSÃO

A perícope estudada mostra a situação das comunidades cristãs sob o domínio de Domiciano. Este imperador, ao se apropriar dos símbolos religiosos, concentrou em sua pessoa o poder totalitário e se divinizou. Se, como imperador, ele dispunha do poder para deliberar sobre a vida e a morte, como um ser divinizado ele creditava a si mesmo o poder da salvação das pessoas.

Para poder manter vivo esse poder totalitário, Domiciano insistiu no culto ao imperador, mandando erguer estátuas em sua honra nos lugares de culto religioso, em todos os rincões do Império Romano.

A sobrevivência, naqueles tempos, consistia em resignar-se com as migalhas concedidas pelo império e, para isso, era ne-

cessário deixar-se marcar, na mão direita ou na frente, com a marca da besta, isto é, do imperador.

Aos cristãos, que não adoravam estátuas e eram seguidores do Cordeiro, restava muito pouca opção. Por isso mesmo, muitos chegaram ao martírio, testemunhando com suas próprias vidas a retidão na fé em Jesus morto e ressuscitado, isto é, recebendo o selo do Deus vivo.

Um ponto permanece em aberto: uma interpretação mais clara do significado do número 666 constante no verso 18. As diversas tentativas feitas através da gematria conseguiram, no máximo, uma aproximação com a expressão *César Nero*, mas não há segurança quanto a isso.

Para nós fica um ensinamento: por mais poder que um ser humano possa concentrar em suas mãos, ele continuará limitado, restrito pelo tempo e pelo espaço, o que o torna muito distante da perfeição do Cordeiro. Apenas Jesus, morto pela maldade do Império e ressuscitado pelo eterno amor de Deus, deve ser adorado e seus seguidores serão contados entre os vencedores do mundo, a exemplo do Mestre, que veio para servir e não para ser servido.

ATUALIZAÇÃO PASTORAL

Vivemos numa sociedade globalizada e muitas vezes esquecemos de ver na globalização um novo modelo de imperialismo. Este texto do livro do Apocalipse vem nos lembrar como o novo império de nossos dias é tão injusto quanto o imperialismo romano, na medida em que domina e espolia a economia, a cultura, a informação, a política e a religião de inúmeros povos.

Primeiramente, é importante distinguir os conceitos de *imperialismo* e *império*. O império é o sistema-mundo, e o imperialismo é um comportamento político-econômico-militar exercido pelas grandes potências mundiais. O império é o sistema neoliberal que hoje domina o mundo, o imperialismo é seu mau-espírito, através da hegemonia de uma nação sobre as demais.²⁴

O ponto central do neoliberalismo é a centralidade do *mercado livre*. O sistema neoliberal propõe que a sociedade, o Estado e a economia sejam controlados pelo mercado. *O mercado é içado aos píncaros da onipotência. Cabe-lhe a função de oferecer os melhores, os mais rápidos e seguros conhecimentos e informações sobre o que produzir, como produzir, em que quantidade.*²⁵ Contudo, esse conhecimento é limitado e direcionado para atender aos interesses dos que têm dinheiro. Como na Roma antiga, o mercado só produz para quem pode comprar. Importante é satisfazer os desejos pessoais dos que podem pagar e, se tais desejos não surgem espontaneamente, a propaganda se torna

²⁴ Cf. P. CASALDÁLIGA, *Desnudando o novo império*. In *Agenda latino-americana mundial*. São Paulo, Loyola, 2005, p. 10.

²⁵ Cf. J. B. LIBÂNIO, *Jovens em tempo de Pós-Modernidade: Considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo, Loyola, 2004, p. 141.

instrumento útil para suscitá-los. O poder da propaganda envolve a área psicológica da sociedade, induzindo as pessoas a adentrar num mundo de falsa beleza e felicidade, que as distanciam da realidade em que vivem.

Em seu tempo, o Império Romano tributava os povos dominados, obrigando-os a produzir cada vez mais para saldar as dívidas, contraídas por um sistema cujo único beneficiário era o próprio Estado. Hoje, de forma similar, conglomerados transnacionais, drenam os recursos dos países mais pobres (como petróleo, matérias-primas e mão-de-obra barata) para fornecer bens aos países do primeiro mundo.²⁶

As grandes potências capitalistas organizaram uma ordem econômica internacional em que, de um lado, pressionam pela liberalização dos mercados externos, mobilizando o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM) e a Organização Mundial do Comércio (OMC); e, por outro lado, defendem seus mercados internos através de medidas protecionistas. É dentro deste contexto que devemos compreender o esforço de formação de grandes blocos econômicos, como por exemplo, o NAFTA, a União Européia e a Bacia Asiática. Contudo, como é impossível supor que todas as economias sejam, ao mesmo tempo, áreas prioritárias de interesse do capital internacional, o esforço de criar um espaço econômico diferenciado instaura um padrão de concorrência perverso, intrinsecamente imperialista, no qual o sucesso de uma região depende necessariamente da depreciação das outras.²⁷

*A opção pela economia teve uma conseqüência imprevista na origem: a cultura entrou no mercado e tornou-se um bem econômico.*²⁸ Com o progresso das tecnologias e dos processos artificiais de produção, a cultura começou a usar os instrumentos criados pela tecnologia, acabando por se subordinar à economia. Assim, as indústrias da cultura são, hoje, as mais importantes do mundo. Por exemplo, a segunda maior exportação dos Estados Unidos é a da indústria cultural (discos, filmes, vídeos, etc.).²⁹

A dominação cultural pode ser claramente percebida se analisarmos os seguintes parâmetros: o nosso *idioma* está repleto de anglicismos e de expressões extraídas da linguagem de informática, fundamentalmente grafadas em inglês; a *bebida* mais consumida no Brasil é originária dos EUA; a *alimentação* se transformou em *fast-food* consumido em *shoppings* ou lanchonetes; as *músicas* tocadas nas rádios e nas danceterias são, em grande parte, com ritmo e idioma estrangeiros; inúmeros programas veiculados na *televisão* são importados ou adaptações de programas estrangeiros; o *folclore* nacional sofre em grande parte com a perda de espaços de identidade, quando festas estrangeiras (por exemplo, o *Halloween*) começam a ser amplamente di-

²⁶ Cf. R. A. HORSLEY, *Jesus e o Império: O Reino de Deus e a nova desordem mundial*. São Paulo, Paulus, 2004, p. 147.

²⁷ Cf. P. de ARRUDA SAMPAIO Jr., *Globalização: Império e reversão neocolonial*. In *Agenda Latino-Americana mundial*. São Paulo, Loyola, 2005, p. 38.

²⁸ Cf. J. COMBLIN, *Cristãos rumo ao século XXI: Nova caminhada de libertação*. São Paulo, Paulus, 1996, p. 262.

²⁹ Idem, p. 262.

fundidas nas escolas de primeiro grau; até os padrões da macroeconomia nacional são regidos pela unidade *monetária* globalizada: o dólar. A informação é manipulada pelos grandes conglomerados midiáticos que se tornaram em grande parte, súditos do grande imperador: o mercado global.

Essa dinâmica neo-imperialista invade também o mundo da política, provocando tremenda inversão. A atividade política que deveria ser exercida na defesa dos interesses da nação e da maioria dos cidadãos, colocando a economia a esse serviço, termina por ser dominada pelo mercado. A conseqüência é que os interesses políticos organizam-se em função dos detentores do capital. Observamos que, sob a bandeira de *ajuste econômico para o desenvolvimento*, o neo-imperialismo vem interferindo na gestão política de países inteiros, fixando índices de desenvolvimento e metas de inflação, que nada mais fazem do que empobrecer diariamente aqueles que mal conseguem sobreviver por falta de emprego, moradia, saúde, educação, segurança. A pergunta que hoje ressoa no coração de milhares de brasileiros é: *desenvolvimento para quem?*

A religião, na ótica neoliberal, longe de contribuir para o aperfeiçoamento da pessoa humana e da sociedade como um todo, é compreendida em função da retribuição individual e imediata que é capaz de produzir. Por isso, já se fala atualmente em *mercado da fé*.

O neoliberalismo propaga uma série de valores para justificar-se como sistema econômico. Estes valores transitam como evidentes e por esse caminho, a ideologia neoliberal torna-se um imaginário social aceito por todos, de modo que as ações cotidianas sejam interpretadas nesse horizonte de sentido. A ideologia neoliberal propaga uma concepção de ser humano destinado a viver segundo a lógica da competição e *não há nenhuma vitória prometida a não ser para quem assumir a perfeição do mercado*.³⁰ O fenômeno da globalização nasce no seio da ideologia neoliberal e espalha seus tentáculos por todos os cantos do planeta. É esse o rosto do novo império.

Há muito tempo, estudiosos reconhecem inúmeras semelhanças entre o atual imperialismo global e o domínio imperial romano no antigo Oriente Médio e na região do Mediterrâneo, apesar de haver diferenças significativas inerentes à própria comparação. As semelhanças estão evidenciadas pela própria característica do neo-imperialismo: exclusão, propaganda, extorsão de recursos, guerras, etc. Mas, a principal diferença entre o imperialismo da antiga Roma e o atual, está no crescimento de gigantescas empresas transnacionais viabilizadas pela nova ordem econômica global. A globalização romana era política e foi a força militar que possibilitou a exploração econômica. O poder

³⁰ Cf. J. B. LIBÂNIO, *Jovens em tempo de Pós-Modernidade*, op. cit., p. 147.

imperial atual é principalmente econômico, estruturado pelo sistema capitalista que ultrapassou as fronteiras nacionais e se tornou global. As enormes concentrações de capital controladas por corporações transnacionais podem conduzir questões econômicas de acordo com as *necessidades* do capital global. Aqui podemos assinalar certa semelhança entre as pirâmides de patronato que estruturaram as relações econômicas no Império Romano e as pirâmides corporativas de empresas multinacionais conglomeradas. O poder econômico globalizado do capital determina agora as relações políticas. Atualmente, o império pertence ao capitalismo global, e tem, nos países ricos e seus exércitos, os seus agentes impositores.³¹

³¹ Cf. R. A. HORSLEY, *Jesus e o Império*, op. cit., p. 147-148.

Assim como os espiões atuavam no Império Romano como agentes impositores a serviço de Domiciano, de forma semelhante atuam hoje os países ricos em favor desta nova ordem global. Se Domiciano era a *besta que subiu da terra*, e estava a serviço do dragão, do mesmo modo hoje os grandes conglomerados transnacionais estão a serviço do mercado livre, a *primeira besta*.

O texto estudado vem lembrar a importância de se manter fiel ao Cordeiro e resistir à sedução da *besta*. Diante desta reflexão, nós, cristãos do Terceiro Mundo, precisamos nos perguntar sobre o quanto estamos sendo, também nós, os *adoradores* desse império, na medida em que nos deixamos invadir pela mídia e pelo marketing, abdicamos do nosso idioma e nos rendemos ao consumo do que é apresentado em cada *shopping center* das grandes cidades brasileiras!

Parece-nos oportuno acrescentar a esta reflexão o ensinamento de Jon Sobrino: *contra o império é preciso gerar um espírito de luta pelo amor às vítimas. E, visto que ele se esconde, o primeiro passo efetivo de uma espiritualidade antiimperialista é desmascará-lo. É a honestidade com a realidade. 'Só Deus é Deus'. Não o é nem César nem o império. Enganar-se com isto, de forma crente ou secularizada, traz gravíssimas consequências.*³²

³² Cf. J. SOBRINO, *Espiritualidade do anti-imperialismo*. In *Agenda Latino-Americana mundial*. São Paulo, Loyola, 2005, p. 224.

Diante deste assédio imperialista, resta a nós cristãos reconstruir a esperança num mundo mais humano, justo e fraterno, seguindo os passos dos primeiros cristãos: para resistir ao Império, somente a *martyria* dos que crêem no Reino de Deus e se colocam ao lado das vítimas do sistema, rejeitando a marca da *besta* e conservando o selo do Cordeiro!